

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mulheres ficam deformadas

Espancadas por maridos ou namorados, vítimas precisam passar por cirurgias. Maioria das agressões é no rosto

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé
Michelli Possmozer

Usando o que têm pela frente, como copos de vidro, garrafas, facas, pedaços de pau e armas de fogo, ou mesmo partindo para socos e chutes, namorados e maridos têm atacado suas companheiras, deixando-as deformadas.

Há casos de mulheres que tiveram o corpo cortado, principalmente no rosto, e levaram mais de 100 pontos, como destacou o cirurgião plástico Humberto Pinto.

Algumas mulheres deformadas precisaram recorrer ao botão do pânico – caixinha preta que é acionada quando o agressor viola a medida protetiva concedida pela Justiça – na tentativa de se livrarem das agressões.

E as vítimas estão em todas as classes sociais e idade, segundo o Instituto Nacional de Tecnologia Preventiva (INTP), empresa responsável pela execução do projeto do botão do pânico na capital.

A coordenadora para assuntos institucionais do INTP, Franceline de Aguiar Pereira, disse que a maioria das agressões é na face.

“Os agressores dão socos, chutes, batem a cabeça da vítima contra a parede e até usam objetos cortantes. Muitas mulheres necessitam de intervenções cirúrgicas.”

O cirurgião plástico Carlos Roberto Siqueira de Souza contou que há casos de fraturas, especialmente na face e no abdômen. “Em muitos casos as discussões e agressões físicas são motivadas por ciúmes”, afirmou.

O cirurgião dentista especialista em cirurgia e traumatologia buco-maxilofacial Renato Rocha Monteiro reconstituiu a maçã do rosto de uma paciente.

“O osso fraturado foi o zigomático esquerdo (maçã do rosto), a cirurgia de reconstrução envolveu duas incisões na face (regiões subpalpebral e frontozigomática esquerda) e fixação através da utilização de duas placas de titânio com parafusos.”

Outro caso citado por ele foi de uma outra paciente que foi escalpelada (retirada do couro cabeludo com uma faca) pelo companheiro. “Ela ainda está em tratamento com a cirurgia plástica. Estão conseguindo, através de transplantes, devolver a condição estética.”

O cirurgião traumatologista buco-maxilofacial do Hospital São Lucas, Maximiano da Franca Bisneto, apontou que as principais causas para as agressões são a questão social, financeira, o alcoolismo e as drogas.



BOTÃO DO PÂNICO: algumas vítimas precisaram recorrer ao equipamento para garantir distância dos agressores e proteção

Agressões também em família

Além das agressões cometidas por maridos e namorados, também há denúncias de violência doméstica praticadas por filhos e outros familiares.

Um desses casos é o de uma manicure de 56 anos, que foi espancada com uma tábua pelo sobrinho, há três meses, em um bairro de Vi-

tória. Ela precisou levar 18 pontos no rosto e teve hematomas por todo o corpo.

“Discuti com a mãe dele, que é minha irmã, e ele pegou uma tábua e me bateu muito. Só não me matou porque meus netos estavam em casa”, relatou a manicure.

O defensor público titular da

Defensoria de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica de Vitória, Pedro Pessoa Temer, explicou que parte dos casos em que mães são vítimas de filhos têm o envolvimento de álcool e drogas.

“Outros casos que chegam até a Defensoria têm também a questão patrimonial, de familiares brigando até por uma herança. Como os motivos são variados, tentamos fazer um trabalho multidisciplinar, com assistentes sociais e psicólogos, para tentar solucionar alguns casos extrajudicialmente.”

Um dos casos é o de uma cozinheira de 46 anos que viu seu filho se transformar em uma pessoa violenta por causa do uso de drogas.

A mãe chegou a denunciar o filho pelas constantes agressões que duraram anos. “Ele me agredia verbalmente e vendeu tudo o que eu tinha dentro de casa. À namorada dele, as agressões físicas eram constantes. Chegou ao ponto em que eu dormia no meio dos dois para impedir que ele batesse nela.”

MANICURE mostra o resultado da violência sofrida dentro de casa: ela precisou levar 18 pontos no rosto e teve hematomas por todo o corpo



THIAGO COUTINHO/AT

Mentiras para se livrar de punição

Para tentar se livrar de condenações, agressores de mulheres chegam a mentir, negar crimes e tentar enganar promotores, defensores e juizes.

O defensor público das Varas de Família e Violência Doméstica de Vitória, Franz Robert Simon, ressaltou que há situações em que os agressores mentem na presença deles e até de juizes, se dizendo

inocentes. “Alguns, mesmo com laudos comprovando a agressão, afirmam que a mulher se machucou caindo da escada ou inventam outras desculpas.”

Ele ressaltou, no entanto, que são comuns também os casos das próprias mulheres mentirem para encriminar os ex-maridos ou ex-namorados por vingança.

A coordenadora estadual de En-

frentamento à Violência Doméstica e Familiar do TJ-ES, juíza Hermínia Azoury, que idealizou o botão do pânico junto ao órgão, explicou que os malefícios causados às vítimas vão além da agressão física.

“Às vezes, o que impressiona é a mutilação física, mas existem mutilações dentro da alma da mulher que ninguém vê, mas trazem danos para a vida toda”.

OS NÚMEROS

100

BOTÕES DO PÂNICO FORAM DISPONIBILIZADOS EM VITÓRIA

17

ACIONAMENTOS FORAM FEITOS NA CAPITAL

10

AGRESSORES FORAM PRESOS EM FLAGRANTE, SEGUNDO O INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA PREVENTIVA

CASOS

Cinco cirurgias

Uma paciente passou por cinco plásticas e ainda é acompanhada depois que o seu marido jogou leite quente em seu rosto.

“Há outros casos de mulheres queimadas com líquido fervente na face, tórax e mama após discussões e crises de ciúmes”, contou o cirurgião plástico Carlos Roberto Siqueira de Souza.

Fraturou vértebras

De tanto ser agredida com socos pelo marido, uma médica fraturou várias vértebras, segundo Eduardo Pereira Soares, diretor técnico e clínico da Maternidade Municipal de Cariacica.

O local é referência municipal em atendimento à vítima de violência sexual e doméstica.

KADIDJA FERNANDES - 24/08/2014



Esfaqueada

Durante uma briga, uma manicure de 25 anos levou socos e foi esfaqueada pelo marido. O motivo, segundo ela, teria sido uma crise de ciúmes do agressor. O crime ocorreu na casa do casal no dia 24 de agosto, em Jardim Marilândia, Vila Velha.

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“Chegam aqui desesperadas”

Satisfeito por saber que o botão do pânico tem salvado a vida de muitas mulheres, o desembargador Pedro Valls Feu Rosa afirmou que o projeto é uma das formas de atenuar o quadro de violência doméstica no Estado.

Feu Rosa, presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES) quando o projeto foi implantado, abraçou a ideia apresentada pela Coordenadoria Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar do TJ-ES, presidida pela juíza Hermínia Azouri. “Temos uma dívida com nossas mulheres”, justificou o desembargador.

A TRIBUNA – Por que o botão do pânico era necessário?

FEU ROSA – O Estado, na época, era o campeão nacional em violência contra a mulher. E vale registrar que o Brasil é um dos campeões mundiais nesse mesmo quesito. Isso me autoriza dizer que, enquanto serviço público, nós temos uma dívida com nossas mulheres. Foi daí que, por meio do programa Justiça e Sociedade, através do qual levava a população para dentro do Tribunal de Justiça, busquei uma solução como meio de atenuar esse problema.

> E as medidas protetivas?

Muitas chegavam com as medidas protetivas rasgadas pelos próprios agressores. De que serve à mulher ter um pedaço de papel dizendo que não deve apanhar, repetindo o que já está escrito na lei?

O importante é buscar meios para que a cidadania se transforme em algo concreto. O botão do pânico é uma das ferramentas que possibilita o exercício desse direito.

> Qual era a sua expectativa?

Esperava que essa ideia, pela sua simplicidade, baixo custo e eficiência, se espalhasse para outros estados. Hoje vejo com alegria que esse projeto foi premiado em Brasília, com o prêmio Innovare; foi objeto de uma reportagem no Fan-



DESEMBARGADOR Pedro Valls Feu Rosa espera que o botão do pânico seja ampliado para outros municípios

“Esperava que essa ideia, pela sua simplicidade, baixo custo e eficiência, se espalhasse para outros estados”

tástico; é objeto de uma lei em Salvador; está sendo implantado em Mato Grosso do Sul e, há alguns dias, foi apresentado em Jaboatão dos Guararapes, Recife.

> O que falta para que o projeto seja ampliado?

A mesma vontade política que ocorreu nos outros estados. Fico sabendo de mulheres de outros municípios chegam aqui desesperadas, atrás do botão do pânico, e dói no peito saber que tudo começou aqui e o Estado ainda não oferece isso a todas elas.

> Como foi receber o prêmio?

Pessoalmente, recebi com alegria espiritual por saber que contribuí para reduzir o sofrimento de semelhantes meus. E, enquanto capixaba, é um orgulho estar colocando o meu Estado de forma positiva no cenário nacional.

> Que outras medidas podem

ser feitas?

O mínimo. A mulher capixaba que sofre violência doméstica não tem, via de regra, onde reclamar com dignidade e ser atendida de forma tecnicamente correta nos municípios.

Um terço das mulheres capixabas passa a vida levando socos, pontapés e facadas, indo parar em hospitais, e muitas morrem. Será que elas não merecem um lugar específico para serem atendidas? Não estou me referindo a governos, é uma verdade histórica. E hora de começarmos a quitar a dívida com as mulheres do Espírito Santo.

CASOS DE VIOLÊNCIA



Medida protetiva

Uma jovem de 20 anos foi agredida pelo ex-namorado com socos e puxões de cabelo. Ele não aceitava o fim do relacionamento de cinco anos. As marcas ficaram nos joelhos e no rosto dela. Após a agressão, a vítima registrou ocorrência e pediu medida protetiva.

“Mesmo depois de alguns meses, ele voltou a me procurar, descumprindo a medida. Ficou nervoso de novo, mas não chegou a me agredir. Chamei a polícia e ele foi preso”, afirmou.



Anos de agressões

Depois de mais de oito anos sofrendo agressões do marido, uma doméstica de 32 anos só tomou coragem de denunciar o marido ontem, após ele tentar mais uma vez bater nela. “Ele já chegou a me agredir com uma panela de pressão que estava no fogo e com uma garrafa quebrada. Já fiquei toda inchada e tenho algumas marcas até hoje.”

A doméstica relatou em denunciar e sair de casa pois ele sempre a ameaçava e dizia que iria mudar. “Quero que ele pague. Não aguento mais.”

Acionamentos evitaram mortes

Todas as 17 situações em que as mulheres acionaram o botão do pânico em Vitória ofereciam risco de morte às vítimas, segundo o gerente de Proteção Comunitária da Guarda Municipal do município, Marcelo Luiz Francisco.

“Vemos que o botão do pânico salva vidas porque em todas as ocasiões de acionamento era necessária a presença da Guarda Municipal. Certamente, se não estivéssemos lá, teria ocorrido algo pior”.

De acordo com Francisco, dos 17 acionamentos, 10 agressores foram conduzidos à delegacia. Um deles foi o ex-marido de uma vítima, que mora no bairro Resistência, e acionou o botão às 5h50, do último dia 13.

“Foram três radiopatrulhas para o local e, ao perceber a presença da guarda, ele tentou se esconder em um local próximo à casa da vítima. Conseguimos localizá-lo e o prendemos com uso de algemas, porque ele resistiu à prisão”.

Segundo o gerente, a média de

chegada da radiopatrulha até a vítima após o acionamento é de sete minutos. “Temos uma média de nove policiais por equipe, a cada 12 horas. Priorizamos o botão do pânico e, se necessário, mobilizamos o efetivo e até a Polícia Militar”.

Apesar dos resultados apresentados, para a promotora de Justiça chefe da Promotoria da Mulher de

Vitória, Sueli Lima e Silva, o dispositivo mecânico não resolve o problema da violência contra a mulher, mas políticas públicas sistemáticas para amparar vítimas e agressores, com equipe multidisciplinar. “Não posso atribuir a redução da violência doméstica ao botão do pânico. Eles não chegam a 50 distribuídos.”



GUARDA MUNICIPAL de Vitória: sete minutos para chegar até a vítima

Prefeituras estudam implantação de projeto

Admitindo a necessidade de criar mecanismos para combater a violência doméstica, as prefeituras da Grande Vitória que ainda não contam com o botão do pânico avaliam a implantação.

O município da Serra informou que está se organizando, qualificando a rede de serviços voltados para as mulheres e firmando parcerias com a Polícia Militar.

Disse, ainda, que faz parte da Câmara Técnica Estadual de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher e irá avaliar os resultados alcançados com o dispositivo na capital para definir a expansão.

A Prefeitura de Cariacica afirmou que tem interesse em aderir ao botão do pânico. “Porém, a cidade tem agentes municipais de trânsito e não disponibiliza, ainda, de uma Guarda, que é a equipe que atende ao acionamento do botão. A previsão para que o município consiga estabelecer esse serviço é

“A cidade não disponibiliza, ainda, de uma Guarda. A previsão para que o município consiga estabelecer esse serviço é até 2016”

Prefeitura de Cariacica, por nota

até 2016. Como medida de prevenção, essas mulheres recebem visita da PM”, disse por nota.

Já a Prefeitura de Vila Velha informou que está estruturando a Guarda Municipal e as políticas para as mulheres do município.

“Esse é o primeiro passo que a administração está tomando para que, em seguida, possa implementar outras soluções que garantam a segurança do cidadão”, disse em nota.